

DNA Mastroianni

Filha do titã italiano encarna o pai no experimento afetivo 'Marcello Mio, que integra uma seção em tributo póstumo ao centenário do astro de 'A Doce Vida' na maratona paulistana

Divulgação



Chiara Mastroianni homenageia o pai mimetizando sua persona no longa experimental 'Marcelo Mio', de Christophe Honoré

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quem olha a foto ao lado pensa se tratar do mito Marcello Mastroianni (1924-1996), num clique colorizado de sua juventude, nos tempos de "La Dolce Vita" (Palma de Ouro de 1960), mas a pessoa em quadro é sua filha, Chiara, uma atriz premiada, fruto de seu relacionamento com a diva Catherine Deneuve.

A cena corresponde a um frame de "Marcello Mio", um arrebatador estudo sobre projeção (e sublimação), dirigido pelo francês Christophe Honoré. Vai ter sessão dele na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, na tarde desta terça-feira (22), às 17h, no Cinesystem Frei Caneca, e na quarta às 19h30, no Espaço Augusta 1.

Suas exibições – rola mais uma na sexta, às 13h, também no Frei Caneca – integram

a seleção de títulos que o festival paulistano preparou para comemorar os 100 anos de Mastroianni.

O pacote inclui: "O Apicultor" (1986), de Theo Angelopoulos (quinta, às 16h, no Instituto Moreira Salles); "Olhos Negros" (1987), de Nikita Mikhalkov (dia 26, às 20h45, no Cinesystem Frei Caneca); "Três Vidas e Uma Só Morte" (1966), de Raúl Ruiz (dia 25, às 14h, na Cinemateca Espaço Petrobras); "Um Homem Em Estado... Interessante" (1973), de Jacques Demy (dia

28, 15h50, no Espaço Augusta); e "Viagem ao Princípio do Mundo" (1997), de Manoel de Oliveira, exibido no domingo pela última vez. É um painel nada óbvio dos feitos de um dos mais inquietantes astros da História.

"Sinto que todos somos um pouco Dom Quixote, no dia a dia certas ilusões são mais fortes do que a realidade", disse Mastroianni em "La Bella Vita", biografia escrita por Enzo Biagi.

É um livro que vasculha sua persona, a mesma que Chiara estuda e mimetiza em

"Marcello Mio", que fez sua estreia em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro.

Laureada na Croisette, em 2019, com o prêmio de Melhor Interpretação por "Quarto 212", de seu habitual parceiro Honoré, a atriz presta um lúdico tributo ao pai num filme no qual desconstrói sua identidade, trazendo antigos amores de seu passado (Benjamin Biolay e Melvil Poupaud) para a trama.

No enredo, Chiara enfrenta, aos 52 anos, uma crise pessoal e profissional ferrenha, cansada de ouvir por todos os cantos da França que é um clone de Marcello. Uma vez que a semelhança é tão feroz, ela decide viver como o mítico campeão de bilheteria italiano. Passa a se vestir como ele, passa a falar como ele. A incorporação de Chiara consegue ser tão convincente que as pessoas começam a acreditar e passam a chama-la de "Marcello". Em algum momento, contudo, essa metamorfose há de pesar sobre os ombros dela e de sua mãe, Catherine.

Em cartaz no Rio com "Inverno Em Paris", Honoré conversou com o Correio da Manhã, em terras francesas, sobre a performance de sua estrela assinatura.

"Meus roteiros existem para serem reinventados no set. Por isso, eu não ensaio, pois prefiro trabalhar com a matéria viva da descoberta. No caso de Chiara, ela é uma amiga e uma parceira de sets. Temos já afinção", explica o cineasta. "Com ela, eu tenho uma voz".

Memórias ancestrais

Sob as bênçãos dos orixás, "Dahomey", um documentário de 68 minutos feito entre o Benin, o Senegal e a França, pela atriz e cineasta Mati Diop, encontrou espaço nobre na safra autoral de 2024 ao conquistar o Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro. Escalado para representar o audiovisual senegalês na corrida por uma vaga na competição pelo Oscar de Melhor Filme Internacional do ano que vem, o longa-metragem agora arrebatou novos fãs em sua passagem

pela Mostra de São Paulo, onde terá exibição nesta terça, às 20h10, no Reserva Cultural, e na quinta, às 17h, no Cinesystem Frei Caneca. As projeções em terras paulistanas foram uma forma de expandir o prestígio de Mati e ampliar o espaço dessa investigação antropológica nos debates políticos sobre o sucateamento do relicário africano.

"Meu empenho com 'Dahomey' é expor as ramificações do colonialismo e apontar onde a violência é praticada", disse Mati ao

Divulgação



Ganhador do Urso de Ouro de Berlim, 'Dahomey' flagra luta pela preservação da memória africana

Correio da Manhã, na capital alemã.

Laureada em 2019 com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por "Atlantique" (lançado no Brasil via Netflix), Mati dá uma aula de geopolítica em "Dahomey, trilhando caminhos de fantasia. Seu roteiro é estruturado como a cartografia do tráfego de uma série de relíquias beninenses, surrupiadas por colonizadores europeus, de volta ao lar. Uma dessas peças, uma estátua chamada de Número 26, é quem narra a rapinagem histórica sofrida por populações da África, como se fosse uma entidade.

"É preciso restituir para reconstruir", disse Mati, ao falar do papel estratégico de sua narrativa, que será lançada no Brasil via streaming, na plataforma MUBI. (R.F.)